

TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Marcela Layrla de F. Tutu¹
Tamires Fernanda da Silva²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade relatar nossas experiências como residentes do Programa Residência Pedagógica, subprojeto de Letras Espanhol, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), na Escola Estadual de Ensino Médio João de Oliveira Chaves, localizada em Monteiro-PB, refletindo sobre nossa própria participação nesse processo. Nosso trabalho concentra-se em relatar nossa experiência desde o início do programa, quando participamos de encontros de formação, até a etapa de observação e intervenção, e, baseadas nessas duas etapas, teremos como embasamento teórico as pesquisas da autora Marília Callegari, que em suas pesquisas buscou, como nós, diversificar o ensino de ELE, sem a intenção de criticar a prática docente, mas, sim, buscando resultados mais positivos para o ensino de língua espanhola nas escolas brasileiras.

Faremos, então, uma comparação dos objetivos que tínhamos na etapa da observação e de que forma eles se assemelham ou se distanciam da prática que tivemos na etapa de intervenção, refletindo sobre nossa experiência a partir da relação entre teoria e prática. O programa, de forma geral, nos traz a oportunidade de ter um contato mais próximo com a educação e, no que se refere ao ensino de língua, neste caso o Espanhol, nos proporciona a possibilidade de contribuir de alguma forma para o aprimoramento do ensino de ELE (Espanhol de Língua Estrangeira) na educação básica e para a nossa formação como futuros professores de ELE.

Nosso trabalho está baseado, também, numa perspectiva de crenças, nas crenças que nós, enquanto alunas residentes, tínhamos sobre ensinar uma língua estrangeira. Antes do contato com a sala de aula, tínhamos uma ideia do que seria ensinar uma LE, planejar uma aula, ministrar essa aula, etc. Mas o que encontramos quando chegamos à escola confrontou nossas expectativas anteriores. Dessa forma, apoiadas nessa perspectiva, utilizaremos o

¹ Graduanda do Curso de Letras Espanhol na Universidade Estadual da Paraíba - PB, layrlafreitas@gmail.com ;

² Graduanda do Curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - PB, tamiresnanda2011@gmail.com;

trabalho de Fernando Zolin-Vesz, que fala sobre as crenças no ensino-aprendizagem do espanhol, para explicar de que maneira as nossas crenças sociais e individuais conduzem os nossos pensamentos e ações.

Na primeira etapa do programa, ocorrida entre julho e setembro de 2018, fizemos encontros de formação e preparação para a imersão na escola. Em seguida, na segunda etapa, de outubro-2018 a fevereiro-2019, observamos o trabalho realizado pela preceptora. Na etapa de imersão na escola, divididos em duplas, os residentes destinados à mesma escola se intercalaram durante as aulas de língua espanhola para aproximar-se do cotidiano da escola. Nossa primeira constatação foi que a aula de língua espanhola nessa escola estava restrita a conteúdos gramaticais passados de forma instrumental, havendo, no entanto, a preocupação por parte da professora de usar o idioma durante a aula.

Desta forma, quando começamos a terceira etapa, iniciada em março de 2019, que se estenderá até dezembro de 2019, voltada para a intervenção, almejamos diversificar mais os modos de abordagem dos conteúdos nas aulas, sem deixar de lado a parte gramatical, necessária também. Nosso intuito era incentivar o aprendizado dos alunos baseando-nos nas quatro competências de aprendizado: produção oral, produção escrita, compreensão oral e compreensão escrita, pois, no ensino de uma língua estrangeira, todos esses tópicos devem ser levados em conta, para que o aprendizado se dê de forma completa.

Entretanto, ao iniciarmos a atividade de intervenção, vimos que não é tão fácil fazer tantas mudanças de uma vez. Existem muitos obstáculos, desde a preparação de uma aula até a sua execução, muitos critérios têm que ser levados em conta, a carga horária semanal limitada (uma aula por semana), etc.

A EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

A primeira etapa do programa foi regida por encontros regulares no Campus VI da UEPB, orientados por nossos coordenadores, supervisores e preceptores, durante os quais houve uma preparação antes da nossa imersão nas escolas. Esses encontros foram de grande importância, pois nele debatíamos sobre diversos aspectos de uma sala de aula, sobre as mais variadas situações que acontecem no âmbito escolar, expusemos nossas expectativas para as futuras etapas e também como deveríamos nos comportar em sala de aula. Discutíamos também sobre questões de realidade escolar, das dificuldades encontradas pelos professores,

pois nem sempre as escolas dispõem de alguns recursos, principalmente tecnológicos, que, para aulas de língua estrangeira, são suportes que ajudam no ensino-aprendizagem quando usados de maneira correta.

Depois, chegamos à etapa de imersão na escola, e, na nossa primeira visita, procuramos observá-la em termos geográficos, sua estrutura física, bem como seu corpo docente, seus alunos e toda sua equipe em geral. A partir dessas observações, percebemos que a escola em questão tem certa carência no que se refere aos aspectos físicos, assim como quanto a materiais de suporte para os professores, confirmando-se, nesse sentido, a hipótese acerca das dificuldades a serem encontradas pelo professor, que debatíamos nas reuniões iniciais. Em relação ao público escolar, notamos que é bem heterogêneo, com alunos da zona urbana e da zona rural, e turmas bem numerosas, em geral formadas por alunos da periferia.

Na etapa de intervenção, nós tentamos, sempre com antecedência, preparar as aulas de forma organizada, fazendo planos de aula e, sempre que possível, pedindo o auxílio de nosso coordenador e da preceptora. A escola, no entanto, em vários momentos nos apresentou situações inesperadas, mudanças de horários ou imprevistos, que, às vezes, interferiam em nossa prática. Apesar disso, sabemos que o dia a dia do professor também é marcado pela possibilidade de imprevistos, e nós, como professoras em formação, buscamos aprender a lidar com essas dificuldades também. No entanto, é preciso registrar que tais questões afetam o andamento do trabalho do professor, assim como a relação do aluno com o aprendizado.

Quando tentamos utilizar materiais que necessitam de suportes para audiovisuais, como áudios, ou para utilizar o CD que vem junto com o livro didático, nem sempre conseguimos os aparelhos necessários para reproduzi-los. Por sua vez, utilizamos durante as aulas a língua falada, fazendo, quando necessário, um paralelo com a língua materna, sempre tentando driblar as dificuldades que apareciam em nossa prática como residentes.

Como pontos positivos ao longo dessa experiência, devemos destacar que, com a turma na qual estamos trabalhando, um grupo de segundo ano do Ensino Médio, algumas atividades tiveram bastante êxito: por exemplo, quando levamos um jogo dinâmico no dia da culminância do primeiro bimestre, um jogo de adivinhação, no qual os alunos recebiam dicas para adivinhar nomes de pessoas famosas, cores ou comidas e recebiam pontuações a cada acerto, e a equipe vencedora ganhava um prêmio simbólico; à medida que o semestre avançava, percebemos que os alunos estavam interagindo mais nas aulas, especialmente quando levamos atividades impressas sobre temas cotidianos (como vocabulário). Divididos

em duplas eles se dedicaram e se divertiram respondendo às atividades, mas a utilização de materiais não consegue por si só estimular os alunos, essa questão é muito mais complexa do que parece. Segundo Callegari,

Muitos professores acreditam que motivar os alunos significa, apenas, valer-se de recursos pontuais, como a aplicação de jogos e músicas, quando, no entanto, a motivação é um processo mais amplo e complexo. Deve-se conseguir criar um ambiente de ensino e aprendizagem que estimule uma intensa participação dos alunos durante o maior tempo possível (CALLEGARI, 2008, p.20).

Notamos, deste modo, que os alunos se interessaram mais pelas aulas mais dinâmicas. Quando começamos a aula utilizando a lousa, mesmo que de forma explicativa, eles não interagiam muito, conversavam bastante durante as aulas. Compreendemos, então, que vale a pena investir em aulas mais diversificadas, sem deixar de lado os conteúdos. Trata-se, por vezes, de conhecer a turma, seu perfil e, então, escolher os melhores modos de apresentar-lhes os conteúdos.

No que diz respeito às nossas expectativas para com a etapa de intervenção, percebemos que nossas crenças em relação ao ensino de uma língua estrangeira estavam baseadas em nosso cotidiano universitário, o que por sua vez é um contexto diferente das salas de aula da educação básica. Zolin (2013), baseado em Barcelos (2006) diz que

Crenças são experienciais, pois constituem parte das construções e reconstruções de nossas experiências, e são socialmente construídas e situadas contextualmente, ou seja, incorporam as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais (BARCELOS, 2006 *apud* ZOLIN, 2013, p. 818).

Sendo assim, percebemos que, a partir das nossas crenças, temos uma tendência a construir nossos pensamentos sobre ensinar, e que isso interfere diretamente no nosso agir docente. No caso da nossa experiência, quando nossas crenças e expectativas foram confrontadas pela realidade, nosso julgamento inicial foi que não estávamos dando nossa melhor contribuição possível. Porém, ao analisarmos as situações, debater com nosso coordenador e com outros residentes, nossa concepção mudou. Por outro lado, vemos esse confronto de maneira positiva, pois ele desconstruiu uma visão que tínhamos que não condizia com a realidade das escolas de educação básica, permitindo-nos ler criticamente a experiência como docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sabemos, os professores não são apenas transmissores de conhecimento, mas estão em constante processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, para nós, enquanto graduandas em uma licenciatura em língua espanhola, o programa RP é de suma importância para que possamos ter um contato maior com a realidade escolar e, deste modo, conhecer o ambiente de trabalho e os desafios que ele pode nos apresentar.

Nesse sentido, programas como o RP são uma maneira de ampliar o contato dos graduandos com as escolas, uma vez que nas demais disciplinas cursadas ao longo da graduação, esse contato, quando ocorre, é muito reduzido. O contato que o programa proporciona ajuda a expandir o conhecimento dos residentes, além de permitir que eles confrontem suas expectativas com a realidade cotidiana da escola e possam perceber que, por vezes, vão precisar de soluções para resolver questões simples (como fazer uma aula funcionar numa determinada turma) que, no entanto, requerem uma ampla reflexão prévia e abertura à experimentação.

Contudo, de modo geral a experiência da Residência Pedagógica mesmo que com suas dificuldades, é positiva, nos ajudou a conhecer a realidade do docente e pensar em maneiras de superá-la, ela nos deixou mais preparados para o que virá a ser o nosso futuro como professoras.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Observação. Intervenção. Prática.

REFERÊNCIAS

CALLEGARI, Marília. **Motivação, ensino e aprendizagem de espanhol: caminhos possíveis. Análise e intervenção num Centro de Estudos de Línguas de São Paulo.** 230f. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgxwDrbzMdwRDWTctVdKlxXNxbQCW?projector=1&messagePartId=0.1>

ZOLIN, Fernando. Crenças sobre o ensino-aprendizagem de espanhol em uma escola pública. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 815-828, 2013. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3398/339829653007.pdf>